

Veículo:	Isto É - 2016 - SP
Seção:	Paraolímpicos
Data:	Ago-Set
Página:	84 - 87

PARAOLÍMPICOS



MINHA VIDA COR-DE-ROSA

A JOGADORA DE TÊNIS DE MESA BRUNA ALEXANDRE PERDEU PARTE DO BRAÇO DIREITO AOS 3 MESES, MAS SE RECUSOU A SOFRER POR ISSO. HOJE, AOS 18 ANOS, ENCARA QUALQUER ADVERSÁRIA – E VENCE ATÉ ATLETAS SEM DEFICIÊNCIA

POR **RODRIGO CARDOSO** FOTOS **JOÃO CASTELLANO/AG. ISTOÉ**



■ INQUIETA

Bruna praticou futsal e andou de skate antes de optar pelo tênis de mesa, aos 7 anos



“É ENGRAÇADO. A VIDA INTEIRA SORRINDO. A VIDA TODA FAZENDO BAGUNÇA. UMA VIDA MELHOR QUE A DE TODO MUNDO AQUI EM CASA. UMA VIDA CHEIA DE AMIGOS. É ENGRAÇADO, NÉ? PENSEI QUE SERIA O CONTRÁRIO. QUE ELA FOSSE PRECISAR DE PSICÓLOGO, ESSAS COISAS.”

Ao telefone, falando de Criciúma, em Santa Catarina, onde mora, dona Vera Regina Costa Alexandre, 44 anos, deixa transparecer uma mistura de orgulho e surpresa ao se referir à filha caçula, a catarinense Bruna Alexandre. A sua guria, que hoje mora em São Paulo, teve o braço direito amputado em consequência de um erro médico quando tinha apenas três meses de vida. E não, não precisou recorrer ao divã para se aceitar e superar a provação de viver sem um membro. Instintivamente, Bruna escolheu crescer feliz, mais na rua do que dentro de casa, tripudiando da própria deficiência e, melhor, construindo com a única mão que restara, a esquerda, mais uma excepcional história de superação daquelas que só esporte consegue patrocinar.

Aos 18 anos, Bruna é a única mesatênista das Américas a competir profissionalmente sem um braço. Troca golpes com a raquete na mão esquerda tanto em torneios paraolímpicos quanto em olímpicos (para atletas sem deficiência). Ela compete pela seleção olímpica desde 2011. Em junho, no campeonato latino-americano juvenil, só para citar um torneio, foi ouro na duplas

PARALÍMPICOS

femininas e por equipes, prata nas duplas mistas e bronze na categoria individual. Ressalte-se: nesta competição, só enfrentou rivais sem deficiência. Com a medalha individual, garantiu vaga para o Mundial juvenil olímpico, em dezembro, no Marrocos. “Ela tem uma habilidade acima da média das demais meninas”, diz Lincon Yasuda, coordenador técnico de seleções olímpicas da **Confederação Brasileira de Tênis de Mesa (CBTM)**. “É capaz de compensar as dificuldades ocasionadas pela falta de um braço com uma grande capacidade de jogar à média e longa distância.”

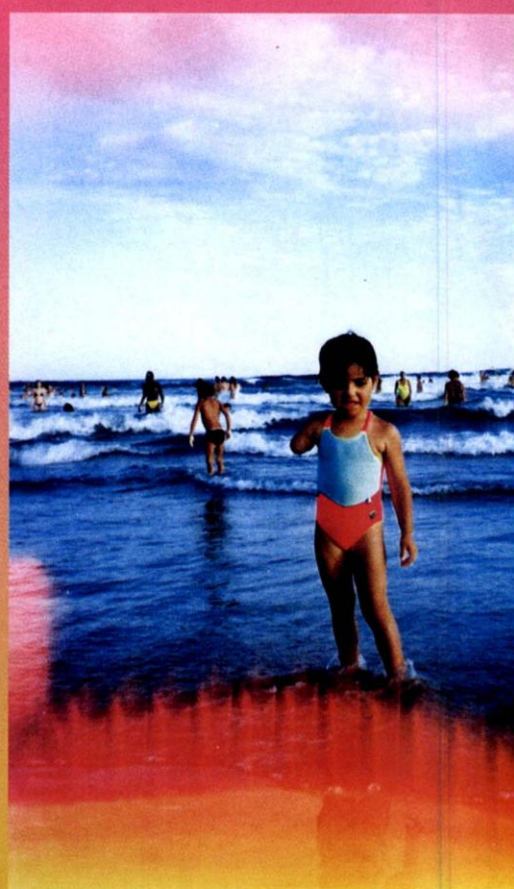
Bruna é mesmo um fenômeno. Dona de 190 medalhas e 15 troféus, vem sendo lapidada minuciosamente pela confederação, que a trouxe para treinar no melhor clube do Brasil, situado em São Caetano do Sul, em São Paulo. É amparada pelo Bolsa Atleta, do ministério do Esporte, e passará a receber também dinheiro do Bolsa Incentivo, da CBTM, e do Time Pódio Paralímpico, além de um patrocínio da Caixa Econômica Federal. Atualmente, é a sétima melhor jogadora do País – incluindo atletas olímpicas. No ranking mundial de jogadoras com deficiência, ocupa a quinta posição. “Em 2013, quero ficar entre as três melhores do mundo”, diz. “Sei que posso chegar a ser a primeira do mundo.”

Não parece mesmo haver limites para a atleta catarinense. Antes de enveredar para o tênis de mesa, aos 7 anos, vivia na rua em cima de um skate, pedalando em uma bicicleta ou com uma bola nos pés praticando futsal. “A habilidade que eu desenvolvi com os pés nesses esportes me ajuda, hoje, a me deslocar para frente e para trás da mesa sem perder muito o equilíbrio”, diz a atleta. Sua irmã, a advogada Mariane Costa Alexandre, 23, recorda-se que Bruna engessou o tronco aos 5 anos depois de ter sido atropelada e, mesmo assim, não deixava de se aventurar em cima do skate. “Se ela tivesse dois braços, teria colocado fogo em casa”, diverte-se a irmã. Vera, a mãe, também tem uma boa história para contar: “Quando bebezinha, Bruna engatinhava

sentada, já que não tinha um braço”, lembra a mãe. “Eu nem precisava encerrar o chão, que vivia brilhando porque ela não parava quieta.”

Bruna teve o braço direito amputado depois de dar entrada, com um quadro de pneumonia, em um hospital público de Criciúma. Um cateter foi colocado no antebraço para que o medicamento fosse aplicado na veia, mas o procedimento interrompeu a circulação sanguínea. Uma trombose se desenvolveu e a morte seria certa, se os pais não decidissem pela amputação imediata. O médico que a atendeu foi responsabilizado e condenado a 2 anos e 4 meses de prisão, mas a pena foi convertida em distribuição de cestas básicas. “Eu nunca perguntei aos meus pais como perdi o braço”, afirma a mesatenista. “Sempre aceitei a minha deficiência. Sempre fiz tudo sozinha, desde pequena.” Atualmente, a família busca na justiça uma indenização por danos morais em um processo aberto contra o hospital. Bruna recusou-se a usar prótese. Hoje, ela só precisa de ajuda para amarrar os cabelos compridos – faz todo o resto sozinha. Para partir uma carne, segura a faca com a mão esquerda e o garfo com o pedaço do braço direito que restou, chamado por ela de “toquinho”.

No tênis de mesa, exibe a mesma desenvoltura. Para sacar, prende a bola com o polegar na raquete e depois a lança para o alto. Seu jogo tem um problema: ela desenvolveu o vício de jogar afastada da mesa. Competindo dessa forma, se cansa mais do que as adversárias. “A Bruna tem bom toque na bola e muita habilidade, mas ela precisa jogar próxima da mesa”, diz Hugo Hoyama, dono de dez medalhas de ouro em Jogos Pan-americanos e atual técnico da seleção feminina principal. “Atualmente, a gente vem combinando a qualidade nata dela com treinos de velocidade”, reforça Yasuda, da CBTM. “Se ela for capaz de adaptar os dois estilos, será uma atleta completa.” Bruna treina cinco horas por dia. E conta com um preparador físico para desenvolver rapidez nos movimentos laterais e fortalecer o braço esquerdo. Vaidosa,



REFRESCO

Praia do Rincão (SC): passatempo predileto da pequena Bruna (aos 2 anos)

Produção: Cintia Sanchez
Agradecimentos: Bob Store, Dimmy Jeans, Aramis e Colcci

gosta de usar unhas coloridas (azul e rosa são as cores preferidas) e tênis de marca. Tem três tatuagens – a primeira feita aos 13 anos. Seu sonho é juntar dinheiro para comprar dois apartamentos e alugar um deles para ter uma renda fixa quando deixar de competir. Mas não em São Paulo. “O pessoal de São Paulo é muito mal humorado”, diz. “Fora que aqui tudo é muito caro. A manicure me cobra R\$ 15 para fazer uma mão só, acredita? Em Criciúma, pago cinco pilas.”

A polonesa Natalia Partyka, que não possui uma parte do braço direito, é a maior adversária de Bruna entre as atletas com deficiência. Tricampeã dos Jogos Paraolímpicos, estreou nesse tipo de competição aos 11 anos, em 2000, em Sydney. No ano passado, foi a única mulher com deficiência a competir na Olimpíada de Londres, que terminou na 32ª colocação. A catarinense Bruna também esteve em Londres, disputando sua primeira Paraolimpíada. Não passou da primeira fase ao ser derrotada por uma chinesa que ocupa o segundo lugar no ranking mundial. A brasileira vencia o jogo por 2 sets a 1 e o quarto set por 8 a 6, quando sucumbiu à experiência da adversária, que disputava sua sexta Paraolimpíada e que terminou a competição com a prata no pescoço. “Foi um jogo inesquecível, por pouco não ganho”, diz Bruna. “Quem diria”, emociona-se a mãe Vera. “A menina que perdeu um bracinho virou atleta profissional.” ■



■ CRAQUE PRECOCE

Aos 13 anos, rebatendo bola em Criciúma

TALENTO A TODA PROVA

A mesatenista catarinense é a 5ª no ranking mundial paraolímpico e coleciona 190 medalhas e 15 troféus na carreira. Confira algumas de suas conquistas:

→ Campeonato Sul-americano juvenil olímpico (2013)

→ 3 medalhas de ouro (dupla mista, dupla feminina e por equipe)

→ 1 medalha de bronze (individual)

→ Campeonato Latino-americano juvenil olímpico (2013)

2 medalhas de ouro (dupla feminina e por equipe)

1 medalha de prata (dupla mista)

1 medalha de bronze (individual)

→ Etapa Mundial paraolímpico

Medalha de ouro na França, República Tcheca, Holanda, Itália, Alemanha, Argentina, China e Eslováquia

BRUNA TEVE O BRAÇO DIREITO AMPUTADO DEPOIS DE DAR ENTRADA, COM PNEUMONIA, EM UM HOSPITAL PÚBLICO. UM CATETER FOI COLOCADO NO ANTEBRAÇO, MAS O PROCEDIMENTO INTERROMPEU A CIRCULAÇÃO SANGUÍNEA. PARA A CRIANÇA NÃO MORRER, O BRAÇO TEVE QUE SER AMPUTADO. O MÉDICO FOI CONDENADO À PRISÃO